

ECOS DA SEMANA

A Arte, a Vida e a Sociedade

Camilo

Voltam a fazer-se ouvir, agora estrepitosamente, as tubas da fama; voltam a derramar-se as largas cornucópias dos adjectivos... E aqui e ali desfolham-se flores de retórica, que muito raramente têm o perfume intenso da sinceridade...

Consagra-se Camilo. Celebra-se o primeiro centenário do seu nascimento. Estão bem as consagrações póstumas e estariam bem até as consagrações em vida dos consagrados — senão visassem um interesse oculto ou não revelassem uma subserviência interesseira.

Mas com Camilo não se dá isso. Não é o valor de Camilo que neste momento se consagra, não é a essa tragédia que foi a vida do grande escritor, que o incenso de tantos turibulos agora envolve.

Não é o espectro de Camilo que agora se afaga — é o dorso dos camilianistas que agora se acaricia. O centenário de Camilo é apenas o pretexto para que floresça a vaidade de uns e se desenvolvam os interesses de outros. Não é a glória do escritor que se procura adensar — é os livros que sobre ele se escreveram que se pretende vender...

O centenário de Camilo não é uma festa de glória — é uma festa de editores... Pior e mais voraz que essas festas que a França ultimamente dedicou à memória de Ronsard e que serviram até para distribuição de comendas a quem nada tinha com o poeta ilustre.

Camilo se vivesse repudiaria certamente estes seus interesseiros admiradores. E retomaria sua pena de polemista para os combater.

Justiça colonial

Em S. Tomé, a justiça deixou de ser esse doce eufemismo de injustiça, ao qual já estamos habituados, para ser perseguição aberta, traficância e tirania. Isto dizem-no os jornais burgueses — e é necessário que a justiça de S. Tomé seja estranhamente leonina, ferozmente impiedosa, para que os jornais burgueses a acusem.

A mim, se me surpreende a atitude dos jornais burgueses, não me surpreende a atitude dos magistrados de S. Tomé.

Estes, a-final, é que estão adentro da lógica...

Eles não fazem mais do que executar a nossa decantada justiça colonial e «poder colonizador»...

Nas selvas africanas, eu já o escrevi uma vez, há sangue humano que clama há séculos uma implacável vingança contra os colonizadores portugueses.

Todo o bandido que no continente não teria saciado seus instintos sem se candidatar a hóspede da Penitenciária, demanda as colônias e ali, em nome da lei, em nome da supre-



FERREIRA DE CASTRO

impulsionando a literatura, veio a repercutir-se na evolução do Direito. A literatura passou a viver muito da emoção dos dramas resultantes do conflito da alma humana, com as sanções dos tribunais.

Deste longo e intenso debate, vincado em páginas ardentes da literatura dos últimos cinquenta anos, resultou essa imensa fogueira onde foram queimados muitos conceitos livrescos que amortalhavam o verdadeiro espírito da Justiça.

São hoje visíveis, na letra dos códigos, os efeitos dessa imensa labareda soprada pela literatura, e em que o direito deixou de ser revestido da proverbial frieza e insensibilidade. Assim por exemplo, o réu já hoje pode manter uma atitude digna diante dos magistrados. O facto de um indivíduo comparecer diante dos juizes, sob o peso da mais grave acusação, não implica, como outrora, a perda dos seus direitos, a derrocada da sua personalidade. O réu tem hoje o direito de negar-se a responder às interrogações dos juizes, e esse direito não implica um prejuízo que vá influir na pena. Mais ainda. As testemunhas gosam actualmente de uma liberdade, que outrora lhes não era confiada. Noutros tempos, a testemunha só podia responder às perguntas formuladas pelos juizes. E' evidente que sendo falseado um interrogatório na sua orientação, as testemunhas só declaravam aquilo que se entendia que elas devessem afirmar. Compreende-se as deficiências, os vícios, a coacção que esta maneira de interrogar envolvia. Actualmente, a testemunha faz livremente o seu depoimento, e invocando um art. do código ela não pode ser interrompida sem que considere como terminadas as suas declarações.

Enfim, sob a influência, sob a propaganda de muitos casos trazidos a público pela literatura, a testemunha alcançou a autonomia, e o réu, personalidade.

EDUARDO FERIAS

GUIDO DA VERONA

(Conclusão da página anterior)

Com o aparecimento de «Mimi Bluette, fiore del mio giardino», «uma pobre criatura loura que não fez mais do que dançar», todos os legionários da moral burguesa entenderam dever trespassar ao autor glorioso.

Mas não é a pseudo-lascívia da obra de Verona, que eles atacam — é a ideia, ao conceito da vida, do amor, da alma, que essa obra encerra.

Eles não atacam a Verona por elle fixar aqui e acolá um sexo palpitante — atacam-no por elle ferir ao longo das suas páginas rítmicas os preconceitos agonizantes. Atacam-no pela mesma razão porque atacaram a Trigo, a Zola, a Flaubert. Razão de ordem social — não de ordem moral.

As mulheres de Verona entregam-se quando se devem entregar — entregam-se sendo casadas, na «Yvelise», entregam-se sendo irmãs, na «Colei che non si deve amare», entregam-se quando é preciso sacrificar um inútil, para quem não está reservada senão a dor, o perpétuo sofrimento, como em «La vita comincia domani». Entregam-se sempre que nelas a vida floresce mais alto, entregam-se rompendo todos os grilhões dos preconceitos sociais. São mulheres que caminham para a liberdade — para a liberdade do seu sexo, do seu amor, da sua alma.

Mas é isto precisamente o que a sociedade, que tem feito da mulher um elemento de fatalidade e de servidão, não perdoa a Verona. A Verona que é um grande artista, a Verona que é um grande novelista, a Verona que trilhou todas as sendas do mundanismo, «até que me pareceu haver chegado a compreender o coração dos homens, o erro que existe no mundo, a música da distância infinita»...

macia do branco, em nome do «poder colonizador de Portugal», assassina, castiga e martiriza, impunemente, a pobres seres indefesos, a pobres negros, cujo único crime é terem-se sujeitado a muitos séculos de escravidão.

E esta «justiça», bem conhecida em Portugal, merece da matéria um silêncio cúmplice e até a chancela de individuos que se dizem intellectuais.

Por isso não me surpreende que em S. Tomé a «justiça» entrasse no caminho da violência, da parcialidade e do despotismo. Mas também não me surpreenderei se um dia os «justiçados» abandonarem a sua letargia e resolverem executar aos justicadores...

F. DE C

FALAR É SEMEAR...

E' necessária a violência?

Só recorrem à violência os que não sabem fazer uso da intelligência. E assim essa força é uma fraqueza moral.

(d'Alguem)
Não conhecem a grande força do Amor aqueles que acreditam que a violência é útil e necessária como factor de progresso e de renovação social.

AO CAMARADA CONSTANTINO FIGUEIREDO:

A espantosa força capaz de transformar o mundo reside na extrema fraqueza aparente. — O mundo caminha. O Progresso avança... o que ontem parecia certo é hoje reconhecido como falso...

Diz o camarada, em resposta á minha carta, que a revolução social é inevitável. Felizmente, eu posso dizer-lhe e demonstrar-lhe que não é inevitável nem necessária. A revolução (num sentido violento) é antes um formidável estorvo á marcha progressiva da humanidade. — A revolução necessária é a revolução nos espiritos.

Há homens que deixando-se denominar por uma paixão doentia, obcecados, cegos, desvairados, matam a mulher amada, suicidando-se em seguida. — Matar por amor, matar por ódio, tudo é matar, destruir; é tudo loucura!

O verdadeiro amor é uma força intelligente, é o instinto da própria conservação e da conservação da espécie, que a natureza deu aos próprios irracionais. No ser racional, no ser pensante que é o homem não pode de forma alguma conduzir ao crime e á loucura! Isso é doença, não é amor!

A revolução pela violência é a maior das loucuras. Expôr a vida para matar o nosso semelhante é tudo o que pode haver de mais cruel, embora nos digam que é pelo bem, para melhorar a sorte dos homens; para um futuro melhor, etc., etc., como os patriotas dizem que é para defesa da patria, pela glória da patria, pelo direito dos povos, pela liberdade dos povos, pelo bem estar dos povos, etc., — que o homem, feito soldado, isto é, escravo doutros escravos, sacrifica a sua pessoa, a sua vida, a sua liberdade, tudo o que pode haver de mais caro e de mais respeitável e de mais nobre para o coraçao do homem que pensa e ama!

Penso que o homem deve aprender a respeitar-se a si mesmo, a só reconhecer como legitima a autoridade que reside em si mesmo. Deve aprender a lutar moralmente para se vencer a si mesmo, para vencer os erros e patermices em que acreditam e que o tornam infeliz e mau e escravo doutros escravos, doutros desgraçados!

O homem livre deve dizer ao politico e ao revolucionário: «Basta de sangue! Não estou de acôrdo com o vosso modo de ver, nem com a vossa sabedoria, nem com a vossa autoridade. — A autoridade está em mim mesmo. O sábio é também um ignorante! E por muito ignorante que eu seja, estou plenamente no meu direito, no direito que é nosso e muito nosso, de só concordar convosco nos pontos em que as vossas ideias, se harmonizam com as nossas. Isto é, eu devo respeitar a liberdade dos outros, devo ser tolerante, mas antes de tudo devo ser intransigente, devo respeitar-me! «Só é bom para mim, o alimento que o meu organismo assimila, só é boa a ideia que o meu cérebro pode aprender, que a minha consciência pode aceitar!»

Nós não precisamos ser valentes. Isso é, um preconceito e nada mais. Pela minha parte, estou convencido que é melhor ser covarde.

— Tenho muita honra em ser covarde!

Sejamos covardes aos olhos de um mundo insensato e desastrado, em vez de sermos loucos!

Não queiramos opor ao fogo de insânia que torna os outros maus contra nós, o fogo do desvairamento e da loucura... Não queiramos apagar o fogo, com o fogo como nos disse Tolstoi e muito bem.

Caminhar para a ordem, pela ordem, combatendo a falsa Ordem; Caminhar para o amor pelo amor, para a paz pela paz — eis o caminho a seguir se queremos realmente caminhar!

ABELOS